



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Vidas, mortes, cultura e memória dos cemitérios

Hoje, mais do que antes, poucos vão a cemitérios e poucos de nós somos lembrados após a morte. A consagrada e premiada escritora argentina Mariana Enriquez, autora dos romances *Nossa parte de noite* (Prêmio Heráldo de Novela, 2019) e *Esse é o mar* e de coletâneas de contos como *Um lugar ensolarado para gente sombria*, todos publicados no Brasil pela Editora Intrínseca, acaba de lançar *Alguém caminha sobre o seu túmulo* (Editora Intrínseca, 376 pág, R\$ 89,90), obra que se originou da fascinação que a autora tem, desde muito jovem, pela beleza assombrosa dos cemitérios.

Mariana viajou por cemitérios famosos e historicamente ricos das Américas do Sul e do Norte, Europa e Austrália. O Montparnasse de Paris, o Highgate em Londres e o antigo Cemitério Judaico em Praga são alguns que aparecem ao lado de outros escondidos, dilapidados, remotos e

secretamente belos.

Mariana descreve e analisa túmulos de famosos como Elvis Presley (Memphis) e Karl Marx (Londres) e sepulturas de anônimos de várias idades, bem como aponta epitáfios extravagantes, esculturas melancólicas, anjos sensuais, vestígios de vodu em Nova Orleans, criptas góticas, catacumbas, esqueletos, vampiros, fantasmas e uma infinidade de lendas.

Utilizando técnicas jornalísticas ao incorporar depoimentos de coveiros, guardas, visitantes, historiadores e moradores, Mariana constrói uma narrativa plural com relatos inspirados em lendas urbanas, biografias, acontecimentos históricos e memórias coletivas.

Mesmo quem não gosta do macabro certamente será cativado pelo entusiasmo contagiante da escritora, nesse livro altamente original, como escreveu o *Financial Times*.



Autora fundamental da literatura de terror do século XXI, a jornalista e professora, nessa obra ambientada em 24 cemitérios espalhados pelo mundo, mergulha em seu universo literário e mostra que seu entusiasmo pelo macabro é expresso em prosa efervescente, como disse o *The Economist*.

e palavras...

GRE-NAIS E CIA

Pensando bem, o Brasil e o RS poderiam ser menos grenalizados, mais unidos. Ao menos na política, na economia e no social. A gente fica aqui peleando entre nós e os de fora ficam se beneficiando. No futebol é meio difícil o fim da grenalização, mas, nessa pindaíba federal que andamos, camisa azul e vermelha, um time só, um estádio e um dirigente seria mais barato, e aí os “corrimãos” gaúchos unidos brigariam com os castelhanos, os de outros estados brasileiros e com os estrangeiros. Sonho louco, sei, mas pensei aí. Vou parar com esse papo que, senão, acabam me internando.

Nos Gre-Nais o Inter supera, com 166 vitórias. O ilustre “corrimão” tem 144 e empates são 144. Estatística favorável ao Inter, que tem muito a agradecer pela parceria do imortal mosqueteiro com sua elegante peninha. O Tricolor sempre valorizou, valoriza e valorizará nossas vitórias, mesmo contando por vezes com aqueles juizes azuis que dão uma forcinha. Obrigado, parceiro, por tudo, desculpe qualquer coisa. Ou muita coisa. Amigo oponente, tu nos inspira a novos feitos relevantes.

Meus primeiros Gre-Nais foram nos Eucaliptos. Ia a pé da Felipe Camarão, no Bom Fim Colorado, até lá. Carlos Gainete Filho, o Gainete, trocava “gentilezas” com o Alcindo. Ortunho na lateral esquerda era “meio” limitado, mas alto, forte e viril, dava uns encontrões e umas levantadas no Sapiranga, do Inter, que era magrinho, rápido e driblador na ponta.

Um dia a torcida vaiou o Gainete. Ele se estressou, foi até o alambrado e queria pular, para sair no braço, so-

zinho, contra a torcida toda. Ainda bem que o acalmaram, senão teríamos dezenas de torcedores no departamento médico.

Naqueles tempos queriam que Valdomiro fosse de volta para Criciúma. O técnico gordinho Daltro Menezes insistiu e o Valdôma foi o único imprescindível do Inter e o que mais colaborou.

No Beira-Rio, estádio mais lindo do mundo, templo sagrado da maior torcida do RS, os Gre-Nais passaram a ser de terno e gravata e o parceiro tricolor sempre foi bem recebido pelo Inter, o campeão de tudo, o único campeão nacional invicto depois de 1971. No Beira-Rio tem uma taça mundial de verdade, que todos podem apreciar, de graça, que o Inter é democrático, plural e generoso, sempre dividindo seus feitos com todos.

O Inter não tem apenas um passado pela frente. Cabe lembrar dois fatos marcantes do passado de glórias.

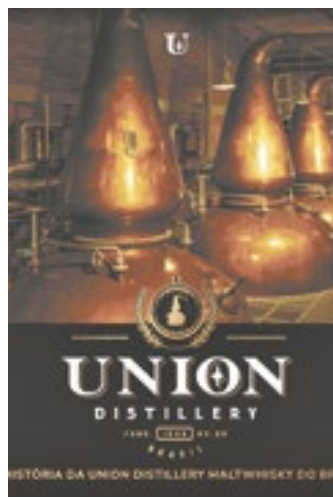
No Gre-Nal 55, em 1938, Taça Martel, o Inter fez onze gols. O juiz Alvaro Silveira anulou 5. O presidente Meneghetti do Inter reclamou. O juiz disse “onze gols são demais para um Gre-Nal”. A coisa já existia. Placar oficial ficou só nos 6 a 0, mas na memória afetiva e carinhosa o jogo sempre será o Gre-Nal dos 11 a 0.

Em 1956 o Inter, que já tinha pinta de seleção, foi a Seleção Brasileira. Oito jogadores do Inter vestindo a canarinho ganharam o Panamericano, no México, liderados por Teté, grande técnico colorado. Dos 14 gols da seleção, 12 foram de atletas do Inter. Odorico, Chinesinho, Oréco, Larry, Bodinho, Florindo e Luizinho brilharam.

Lançamentos



► **A festa** (Arquipélago Editorial, 296 pág, R\$ 89,90), romance clássico moderno, *best-seller* do consagrado jornalista e escritor Ivan Angelo, em edição especial de 50 anos, traz a inovadora narrativa fragmentada sobre uma Festa em BH em 1970, com muitos personagens cujas vidas se entrelaçam com o passado, o presente e o futuro do Brasil. Obra seminal, essencial para tentar entender o Brasil que temos atualmente.



► **Union Distillery** (Legado, 170 pág, R\$ 120,00) traz a vitoriosa história da pioneira Union Distillery Maltwhisky do Brasil (1948), entrelaçada na imigração italiana no RS. Saberes centenários, inovação, persistência, trabalho e afeto marcam a trajetória dos sócios Marcello Borsato, Lidio Ziero e Luciano Borsato. Belíssimas fotos em cores, ilustrações e a evolução da logomarca estão na obra que mostra o sonho engarrafado realizado.



► **Mais 10 (quase) amores ou: eu seria romântica se não fosse o mundo** (L&PM Editores, 136 pág, R\$ 59,90), novo livro da publicitária e escritora Cláudia Tajés, tem novas histórias de Maria Ana, personagem de *Dez (quase) amores* (2000). Antes balzaca, agora quase cinquentona, segue se atrapalhando, mas agora com etarismo, objetificação feminina, sobrecarga de trabalho, crise no jornalismo e charlatanismo nas redes sociais.

A propósito

Muitas lembranças boas temos dos Gre-Nais, dessa cidade simpática de dois campeões do mundo, mas, recordando as décadas recentes, nós, colorados, temos que fazer justo e grande agradecimento e merecida homenagem ao torcedores do Grêmio pelo temor reverencial, respeito e admiração que sempre tiveram com *El Gran Capitán* Andrés D'Alessandro,

que dava um *upgrade* geral nos jogos e oferecia a todos os torcedores ótimos espetáculos, auxiliando nas orientações técnicas, no comando do time, como jogador e contribuindo, com sugestões fundamentadas, para boas arbitragens. Gre-Nal é Gre-Nal, disse Ildo Meneghetti. Falei e disse, fui. Saudações esportivas. Gracias. (Jaime Cimenti)